

Anexo

Grupo 1



Eu trabalhava demais, sem parar. Sempre tinha muita coisa para fazer. Acordávamos muito cedo para fazer café, botar a mesa e tudo. Enquanto os outros dormiam, nós tomávamos café. Tinha vezes que a gente nem sentava para comer. Nunca tínhamos uma mesa decente para comer e, exceto pela manhã, sempre comíamos depois dos patrões. Na cozinha, pegávamos um banco ou sentávamos num degrau que dava para o quintal. Era tanta coisa para fazer, que uma vez eu trabalhei tanto que fiquei rouca. Um cansaço tão grande! Comecei a encher o tempo com a religião e a revolta. Mas essa revolta ficava dentro de mim. Aí, eu quis ser freira. Como a religião me acomodava, mas não resolvia, comecei a ter um problema: com vinte anos, eu não conseguia mais dormir. Eles começaram a ficar preocupados com isso, porque quando se tratava de doença, o meu patrão tinha muito cuidado. Trazia médico para casa. Tinha que dar injeção na hora! Na verdade, o meu problema de saúde era consequência da dureza do trabalho doméstico e da distância da minha família. Por isso eu não dormia, tinha uma insônia muito grande.

Vendo os empregados daquela casa, sentia que ninguém gostava daquela vida: eu, a babá, a lavadeira, a cozinheira, a costureira e o empregado. A gente não gostava daquela vida, mas a única coisa que a gente fazia contra isso era se juntar à noite e rezar o terço, pedindo para sair da casa dos outros. Não pensávamos em outro emprego, porque não sabíamos que outro tipo de trabalho poderíamos fazer. O único emprego que ouvíamos falar era de camponês, mas isso era no interior. Não conhecíamos pessoas pobres que trabalhassem em outras coisas, como fábrica ou comércio. As outras profissões com que tivemos contato eram todas exercidas por pessoas com muito estudo, como os médicos e professores, que eram amigos e frequentavam a casa dos patrões. Então o negócio era pedir a Deus para casar. Não dizíamos assim, mas só podia ser, porque era o jeito de sairmos daquela vida, daquela casa.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 52.

Na JOC, aprendi que dentro da religião havia um Deus que queria as pessoas iguais. Então eu comecei também a dizer: “Se esse Deus quer as pessoas iguais, eu tenho que lutar contra as injustiças! Tenho que ir contra tudo de injusto que tem na casa dos patrões!”

Um dia, um padre do movimento me provocou: “Você não acha que, quando está reivindicando dos patrões alguma coisa que não está na lei, isso não é religião?” Eu respondi: “Não! Eu acho que é religião. Porque estão fazendo uma coisa que não é certa e a religião é para ter o certo. Então eu sou cristã quando reivindico!”

Quando aconteceu aqui, em Recife, a marcha da família com Cristo, que foi organizada pelos poderosos, preparando o golpe de 1964, eu fui assistir. Eu já estava na JOC, mas fui assim mesmo porque lá estariam as patroas e eu queria ver como seria a passeata delas. Quando estava lá, ouvindo aqueles grandes, aquele povo do exército, me senti muito mal. Eles diziam que o país estava vivendo numa fase muito perigosa. Mas, para mim, era uma época de muita liberdade e democracia. Mesmo sem saber direito o que era, senti que algo de muito ruim estava para acontecer ao país. Em 1964, quando arrebentou o golpe, eu estava numa visita em Fortaleza. Eu era tão inocente que não tinha noção do perigo. Eu só ouvia as rádios chamando o povo para as ruas, para resistir ao golpe. Depois fecharam as rádios. Viajei de volta para Recife, sem ter noção do perigo. Nem imaginava que o trabalho que eu fazia na Igreja era contrário ao pensamento dos que deram o golpe.

Depois, me encontrei com pessoas da Igreja e de outros movimentos, até poder entender o que foi aquele 1964 e porque a gente tinha sido chamada de comunista. Tudo isso aumentou minha visão das coisas. E eu só vivia na Igreja tradicional e nem tinha votado em Arraes, porque o meu patrão dizia que na casa em que ele entrasse, se houvesse quadros de santo pendurados na parede, todos eles seriam lançados ao chão. Quem não teria medo de um homem assim?

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 84.



Quando me lembro desse medo de ser mãe solteira, fico pensando hoje que o casamento não garante a presença do pai, já que tantos maridos abandonam suas esposas e filhos. A religião também me ajudou a não ser mãe solteira, já que dizia ser pecado ter relações sexuais antes do casamento. Por isso eu fui ser “Filha de Maria”. Isso me preenchia, apesar de que tive que renunciar a muitas coisas que gostava de fazer, inclusive dançar, que, segundo as freiras, também era pecado.

No grupo de Filhas de Maria, que eu participava, havia pessoas com diferentes origens sociais. Houve uma reunião em que senti opiniões que desprezavam muito a condição dos mais humildes. Aquilo me revoltou muito e me fez questionar todo o grupo porque a gente era tratada daquela maneira. Chorei muito, mas falei. Depois, a freira veio me perguntar se eu não estava satisfeita nessa casa em que trabalhava. Ela me disse que poderia arrumar outra casa e, o que era pior, de uma família que eu não conhecia. A freira não entendeu que eu estava questionando a maneira de pensar das próprias Filhas de Maria. Naquele momento, eu não estava reclamando da casa em que trabalhava.

No interior eu dançava muito, mas depois que fui ser Filha de Maria, parei de dançar. Quando eu ia ao interior, visitar minha família, os rapazes não conseguiam entender porque eu não dançava mais. Lá, as pessoas nem sabiam o que era ser “Filha de Maria” e me perguntavam assim: “Por que tu não dança mais? Tu gostava tanto!”. Eu era tão fiel que achava que Deus estava vendo que eu não dançava mais e que Ele aprovava isso. No carnaval, eu fazia retiro, e isso minha patroa deixava. Entrava no colégio das freiras no sábado de carnaval e só saía na Quarta-Feira de Cinzas. Ficava o carnaval todinho lá, rezando, e o padre pregando sobre o inferno, o purgatório e o céu. Quando terminava, saía mais preparada ainda para não pecar, não fazer coisa errada. A noção de pecado era muito ligada ao sexo. Não havia nada sobre as injustiças e os outros pecados sociais.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 59.

Nenhuma outra doméstica foi presa. Só as que participavam desse movimento e também eram “permanentes”. Retornei ao antigo emprego, mas a relação com os patrões já não era a mesma. Os dois anos e meio de JOC me ajudaram a ter uma outra atitude. Acho que a patroa se arrependeu da hora em que me levou para o movimento. Eu deixei de achar que o sofrimento que a gente passava como empregada era uma coisa de Deus. Descobri que Deus não queria aquilo e que eu tinha um valor!

Mesmo antes de me tornar permanente, eu já tinha uma nova visão sobre o que seria a vontade de Deus. Numa reunião da igreja do meu bairro, disse que as empregadas domésticas não éramos verdadeiramente consideradas como paroquianas. Só quem contava eram as donas de casa. Depois disso, começaram a reservar, no mês de maio, uma noite para as domésticas. Mas, isso não significou nada para as domésticas.

Na medida em que ia descobrindo as coisas, eu perguntava mais. Por exemplo: “O que é ser comunista? A gente é de Igreja e eles dizem que a gente é comunista!”. Eu acho que os próprios golpistas me deram outra visão do que é comunismo. Eu vi trabalhador rural lá na prisão, amarrado, chutado e, quando eles começaram a dizer que eu era comunista, comecei a dizer: “Então, comunista é uma coisa muito boa, porque não estou fazendo nada de ruim, só estou procurando fazer o bem. Isso é ser comunista?”. Acho que eles fizeram isso com muitas pessoas, botaram muita coisa na cabeça delas que não era a verdade. Também achei que a polícia mentia muito. Quando eles diziam que bateram um aparelho cheio de armas, comecei a ver que era uma mentira. Na casa em que eu estava, eles disseram que existiam armas e não era verdade.

Lenira Carvalho, *A luta que me fez crescer e outras reflexões*, 2022, página 86 e 87.